

# ***A tecnologia da guerra nos relevos Neo-Assírios***

RICARDO SILVA SERRES<sup>1</sup>  
SANDRO TEIXEIRA DE OLIVEIRA<sup>2</sup>  
SIMONE SILVA DA SILVA<sup>3</sup>  
JÉSSICA SANTOS DE LIMA<sup>4</sup>  
KATIA MARIA PAIM POZZER<sup>5</sup>

## **RESUMO**

*O presente artigo se propõe analisar a representação da guerra nos relevos parietais assírios. Neste estudo o foco está nos aspectos tecnológicos de guerra, tais como, armas e carros de batalhas, além de táticas e estratégias, que foram imortalizadas na arte de esculpir relevos na Assíria do I milênio a.C. Tais obras transmitem mensagens veiculadas por intermédio das cenas bélicas, onde o simbolismo, presente nos relevos, servia como uma linha reguladora e normativa da ideologia assíria, frisando o aspecto guerreiro que caracterizou um dos maiores impérios do Antigo Oriente Próximo.*

**Palavras-chave:** Guerra, assíria, representação, tecnologia, mesopotâmia.

---

<sup>1</sup> Pós-Graduando do Curso de Patrimônio Cultural e Identidades/ULBRA, Bolsista AT/CNPq

<sup>2</sup> Acadêmico do Curso de História – Bolsista Voluntário PROICT/ULBRA

<sup>3</sup> Acadêmica do Curso de História/ULBRA – Bolsista IC/FAPERGS

<sup>4</sup> Acadêmica do Curso de História – Bolsista PROICT/ULBRA

<sup>5</sup> Professora - Orientadora do Curso de História/ULBRA. Coordenadora do Laboratório de Pesquisa do Mundo Antigo (lapema@yahoogrupos.com.br)

## ABSTRACT

This article aims to analyze the representation of war in the parietal Assyrian reliefs. In this study the focus is on technological aspects of war such as guns and cars of battles, besides the tactics and strategies, which were glorified in the art of sculpting Assyrian reliefs in the I millennium BC. These works represent messages through scenes of war where the present symbolism in reliefs served as a regulatory and normative line of Assyrian ideology, emphasizing the warrior aspect that characterized one of the greatest empires of the Ancient Near East.

**Key words:** War, assyria, representation, technology, Mesopotamia.

## INTRODUÇÃO

A guerra tem sido ao longo das gerações um tema muito pertinente dentro da historiografia. Evento que perpassa todos os períodos da história, ela se caracteriza conforme a conjuntura ideológica e a herança cultural de cada sociedade numa determinada época. O exército neo-assírio ficou conhecido no I milênio a.C. como um referencial de poder e indestrutível força militar. Eventos belicosos, batalhas violentas, cercos e táticas de guerra se fazem presentes em vários documentos históricos deste império, peculiaridade que o destacou por constituir um exército de exímios guerreiros no Antigo Oriente Próximo. No caso desta pesquisa o foco volta-se para os documentos de teor iconográficos do I milênio a.C. (Figura 1).

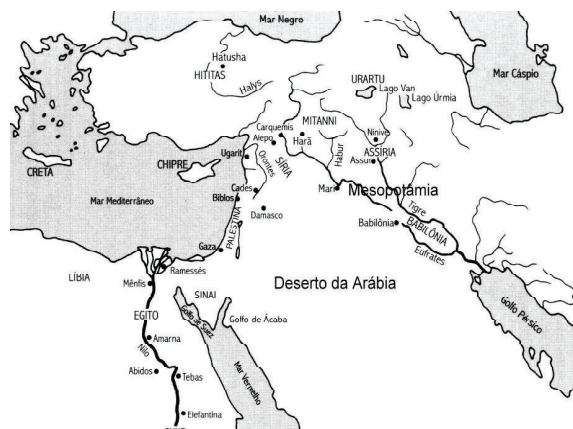


Figura 1 - Mapa da Mesopotâmia.

A organização de uma poderosa força militar tem suas características presentes na formação tática dos chefes guerreiros, mas, também, na intenção de vários soberanos em constituir uma instituição belicosa, capaz de dar uma resposta armada ao inimigo em qualquer ocasião. A formação de um exército poderoso não ocorreu em um período determinado no império neo-assírio, mas sim, ao longo de um processo de vários períodos e reinados da história, como no de Sargão (721-705 a.C.) e seus sucessores: Senaqueribe (704-681 a.C.), Assarddon (680-669 a.C.). Porém, foi no reinado de Assurbanipal (669-630 a.C.), que tal formação tomou maiores proporções (VILLARD, 1991, p.42).

É relevante entender como o império se utilizou de determinadas táticas para, de certa forma, viabilizar economicamente este desenvolvimento bélico. Uma destas táticas foi o da pilhagem, ou seja, o saque praticado por tropas militares quando ocupavam uma cidade inimiga (VILLARD, 1991, p.44).

Neste contexto, pode-se dizer que a organização militar assíria, para ter êxito, necessitava adquirir meios econômicos para custear as campanhas armadas e, também, o recurso de recrutamento

existente no império, o que responde, em parte, o potencial militar deste povo. O quadro funcional dos batalhões de guerra à disposição do exército estava relacionado ao grande número de pessoas da população sujeita a figura imponente do soberano da Assíria. Além de uma guarnição de soldados preparados para o exercício da vida militar, o exército poderia contar, também, com uma parcela da sociedade que incluía o serviço militar obrigatório. Tais indivíduos recebiam a denominação de *zab šarri*<sup>1</sup>, e poderiam desempenhar as funções militares como forma de pagamento do *ilku*<sup>2</sup>. Os homens que desempenhavam este papel poderiam realizar serviços em troca de concessões, geralmente de terras. Eles ficavam ordenados, aos milhares, em aldeias espalhadas sob a responsabilidade dos oficiais, o que facilitava a proteção das fronteiras do império e, ao mesmo tempo, uma manobra militar de ataque. Muitos destes homens poderiam ser mantidos constantemente sob a mira de armas (VILLARD, 1991, p.46).

A cultura assíria de esculpir relevos parietais, monumentais documentos históricos, dispostos nas salas dos palácios, servia muito mais do que a mera atividade artística para decoração. Eles funcionavam como um instrumento propagandístico da ideologia assíria, vinculada a figura do rei. As cenas de guerra, de soldados empunhando armas, cercado uma cidade inimiga, mutilando, prendendo, deportando, empalando ou cortando as cabeças dos inimigos, serviam como uma recomendação àqueles que circulavam pelo palácio, fossem nativos ou estrangeiros, da potência de guerra assíria e do que poderia ocorrer a todo aquele que desafiasse a ordem estabelecida. Eles poderiam, também, retratar a proteção divina, por

<sup>1</sup> *zab šarri* significa, literalmente, pessoas do rei.

<sup>2</sup> *ilku* era um imposto que deveria ser pago em prestação de serviços ao Estado.

meio da imagem de divindades que eram levadas para os campos de guerra e que insinuavam a legitimidade das campanhas militares, uma vez que, teriam a permissão dos deuses. Portanto, os relevos tinham uma função política que estava vinculada a três perspectivas distintas: a utilização de recursos violentos, protagonizados nas batalhas sangrentas; o uso de uma construção ideológica repleta de simbolismos, que podem ser encontradas tanto na produção textual quanto na visual, dada a grande quantidade de relevos parietais descobertas ao longo dos anos e, por fim, a associação da idéia de poder extremo vinculada à imagem do soberano (BACHELOT, 1991, p. 109).

## MATERIAL E MÉTODOS

Pela análise da iconografia identificaremos cada símbolo existente nas imagens dos relevos. Esta análise prevê a identificação das características tipológicas dos personagens e dos elementos significativos das vestimentas, penteados, paisagem, armas e objetos associados. Realiza-se a descrição destas características segundo categorias distintas: as figuras humanas, a paisagem, os objetos e armamentos e os símbolos religiosos a fim de obter uma tipologização destes elementos, respeitando a ordem de leitura que se impõe nos relevos mesopotâmicos da época assíria, cuja sobreposição de planos buscava reproduzir a perspectiva. As convenções, as estilizações e os símbolos caracterizam o conjunto da obra pictórica e a tornam reconhecível como representação mesopotâmica. Por meio de uma versão visual, comunica-se uma realidade social que é real, reconhecível e que a ideologia dos impérios torna-a efetivamente verdadeira. Ao mesmo tempo, o uso de certas imagens padronizadas tem uma longa história de representação na arte do Antigo Oriente Próximo, pois, serve

para eternizar e naturalizar a legitimidade do rei e do Estado, pela via da sugestão de unidade com o passado (MARCUS, 2000, p.2487).

Foram selecionados e utilizados documentos iconográficos do império neo-assírio, por meio de uma seleção de imagens de livros e sítios de importantes instituições museológicas tais como o Museu do Louvre, Museu Britânico, Museu do Pérgamo, em Berlim, o Instituto Oriental de Chicago e o Museu Nacional do Iraque.

Para este trabalho foram selecionadas três séries de documentos iconográficos, para análise em conjunto, segundo a metodologia baseada na obra de Erwin Panofsky, historiador da arte e crítico alemão, cujo postulado divide o processo de análise visual em iconografia e iconologia se direcionando para três perspectivas distintas, nesta ordem: descrição pré-iconográfica; análise iconográfica e interpretação iconológica. Panofsky, em seus estudos, definiu iconografia como o estudo do tema ou assunto e iconologia o estudo do significado do objeto. A iconografia é o tema e o significado das obras de arte em contraposição a sua forma e iconologia é o estudo de ícones ou de simbolismo na representação visual (PANOFSKY, 2007, p. 52).

As imagens para análise estão identificadas por Figura 2: Cerco à Lakish (BRITISH MUSEUM, 2008); Figura 3: Ataque a uma Cidade Inimiga (CURTIS e READE, 1995) e Figura 4: Cena de Batalha do Palácio de Assurnasirpal II (MESOPOTAMIA, 2009).



**Figura 2 -** O relevo acima foi encontrado no Palácio de Senaqueribe, em Nínive, Nordeste do Iraque, datado de aproximadamente 700 a 681 a.C. A imagem é uma representação do cerco a cidade de Lakish, confeccionada em alabastro, com dimensões de 1,67 m de comprimento por 1,90 m de altura. Encontra-se, atualmente, no Museu Britânico, tendo como referência: WA 124905-7.



**Figura 3 -** Este relevo foi encontrado no palácio central de Tiglath – Pileser III, em Nimrud, datado entre 730 a 727 a. C., aproximadamente. Trata-se de uma representação de um ataque a uma cidade inimiga, provavelmente Upa, na Turquia, confeccionada em alabastro. Encontra-se no Museu Britânico, tendo como referencia: WA 115634 + 118903.



Figura 4A - Relevo de Assurnasirpal II.



Figura 4B - Relevo de Assurnasirpal II.



Figura 4C - Relevo de Assurnasirpal II.

**Figura 4** - O relevo acima, dividido em três partes para melhor visualização, foi encontrado no palácio de Assurnasirpal II, em Nimrud, datado de 865 a. C., aproximadamente. Trata-se de uma representação do ataque a uma cidade inimiga com o rei Assurnasirpal II empunhando um arco de flecha, confeccionado em alabastro, com dimensões de 92 cm. Encontra-se, atualmente, no Museu Britânico, tendo com referência: WA 124554.

## RESULTADOS PARCIAIS

Os dados apresentados neste artigo referem-se aos resultados preliminares do projeto de pesquisa em curso “A Representação da Guerra na Iconografia Neo-assíria”, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq – Brasil), da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS) e da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

### Descrição Iconográfica

Os relevos parietais selecionados para o presente artigo estão acima discriminados por Figura 2: Cerco à Lakish; Figura 3: Ataque a uma Cidade Inimiga, provavelmente a cidade de Upa; Figura 4: Cena de Batalha do Palácio de Assurnasirpal II. Estes foram analisados na ordem seqüencial das figuras.

Na descrição pré-iconográfica é possível identificar diferentes vestimentas usadas pelos guerreiros assírios. As vestes dos soldados são caracterizadas por elmos pontiagudos, com ou sem penachos, visíveis nos relevos 2, 3 e 4. Alguns soldados foram retratados vestindo longas túnicas, enquanto que outros vestiam curtos saiotes na altura dos joelhos. O riscado, muito peculiar na parte superior do corpo de alguns soldados, ou seja, na altura do tórax até a cintura, é visível em boa parte das três imagens. São pequenos quadrados seguidos de listras transpassadas na horizontal e na vertical salientado, em forma de colete, na parte superior do corpo. Esta imagem está muito clara no arqueiro do relevo 3.



Dos artefatos de guerra e postos de batalhas foi possível verificar arqueiros (portando arcos e flechas) e escudeiros (com longas lanças), protegidos por escudos de vários formatos, retangulares, pequenos, longos e circulares. Um tipo retangular é retratado com algumas listras na vertical. Outros são mostrados com figuras triangulares em suas extremidades, dando uma noção de serem pontiagudos. Estes vários formatos podem ser vistos no relevo 4, inclusive um dos arqueiros portando um escudo adornado com uma pequena escultura de cabeça de um leão<sup>3</sup> na frente. É possível verificar ainda, escudos longos e grandes, que alcançam uma altura que cobre acima das cabeças dos soldados e se estende até o chão, notado no relevo 4B.

É possível perceber a presença de carros de guerra nos relevos 2, 3 e 4 pois, alguns foram retratados com rodas, a exemplo dos relevos 2 e 3. No relevo 4B é possível ver também aros sustentando as rodas. Geralmente os carros aparecem com um formato quadrado, como se fossem grandes caixotes com uma parte mais alta na extremidade dianteira de onde saem duas pontas dando a noção de aríetes<sup>4</sup> e tubos expelindo água do seu interior.

Um item muito peculiar, detectado nas lajes analisadas, é a presença de estruturas íngremes em forma de rampas próximas as muralhas, sobretudo nas imagens de relevos 2 e 3.

Os arqueiros são retratados em duplas nos três relevos, sempre resguardados, ou seja, na retaguarda dos carros de combate que são representados como se estando a frente do batalhão. É possível ver aljavas<sup>5</sup> carregadas de flechas com alguns arqueiros.

<sup>3</sup> Leão – Animal símbolo de força e resistência, muito retratado em relevos, sobretudo em exibições de caçadas reais.

<sup>4</sup> Aríete – Antiga máquina de guerra, formada de uma trave que terminava por uma peça de bronze à feição de cabeça de carneiro e que servia para derrubar as portas e muralhas.

<sup>5</sup> Aljavas – Coldre ou estojo onde se colocavam as setas de

É possível ver alguns soldados cavando túneis e posicionados em trincheiras, nos relevos 2, 3 e 4. O uso de escadas também aparece nas três lajes, bem como o uso de tochas de fogo, na laje 2. O fogo representado na laje 4 aparece próximo ao carro de batalha.

Nas lajes 2 e 3 foram constatadas três figuras humanas esculpidas em um ângulo acima do solo, presas a objetos pontiagudos no formato de estacas, dando a noção de empalamento, prática comum dos guerreiros assírios.

Nos três relevos se observam imagens ao fundo com linhas mais longas, tanto na horizontal quanto na vertical, com algumas partes mais altas que formam as paredes de fortalezas e as torres. Nestas três imagens são retratadas muralhas, com soldados inimigos no topo, enquanto os soldados assírios são mostrados do lado de fora. Também é possível distinguir amplas aberturas, formadas por linhas retas, circulares e pequenos quadrados que compõem a fachada destas muralhas, intercaladas por longas torres. Algumas janelas aparecem com o formato superior arredondado, conforme o relevo 4. No alto dos muros que circundam a cidade sitiada aparecem formas que forjam, no topo destas muralhas, estruturas salientes, triangulares ou quadradas que se caracterizam como ameias<sup>6</sup> pontiagudas. A impressão é de se tratar de altas muralhas em locais também muito altos, pois há, sobretudo nas imagens 2 e 3, a representação destas cidades em locais mais altos do que o solo.

Os derrotados eram aprisionados e levados, bem como os seus objetos pessoais, em um procedimento de pilhagem<sup>7</sup>. Os animais, como os cavalos e o gado

flechas e que se trazia pendente no ombro.

<sup>6</sup> Ameias – Cada um dos pequenos parapeitos dentados que guarneciam o alto das fortificações ou dos castelos, e que protegiam os atiradores.

<sup>7</sup> Pilhagem – Era o saque praticado pelos exércitos que tomavam uma cidade após vencê-la em batalha.

em geral, eram somados aos espólios de guerra e serviriam, posteriormente, para o transporte de carga e, também, de alimento para os soldados. Nos três relevos aparecem alguns corpos caindo das muralhas.

A representação física é um detalhe evidenciado nas diferenças tipológicas dos corpos: olhos, barba, cabelos longos, boca, braços e pernas. No relevo 4 há a presença de três mulheres com os braços levantados, a primeira, da esquerda para a direita, com os dois braços e as mãos postas na cabeça, a segunda, com a mão direita sobre a cabeça e a mão esquerda sobre a cabeça de uma criança. A terceira figura feminina está com a mão direita sobre a cabeça, mas, com o braço direito em direção ao chão. As três aparecem sendo escoltadas por um soldado assírio.

### **Análise Iconográfica**

A arte neo-assíria de esculpir relevos parietais tinha um compromisso em materializar todas as ações deste império, desde momentos de lazer, caçadas, cerimônias religiosas, mas, sobretudo a guerra, característica deste povo e foco deste estudo. Um exemplo desta ação são as várias lajes que ilustraram os palácios e retrataram os soldados em batalhas. Em uma das três lajes, no relevo 4A, é possível ver até a presença do rei Assurnasirpal II (884-859 a.C.) e do então príncipe Salmanasser, (que reinaria como Salmanasser III 859-824 a.C.), em campanha. O rei, apontando o seu arco é retratado em uma comitiva, com um escudeiro e dois funcionários mais atrás, um está portando uma aljava carregada de flechas enquanto o outro segura um parasol. As aljavas eram feitas de couro de animais e o parasol tinha uma estrutura de madeira recoberta por pele de animais para resguardar o rei, possibilitando

sombra nos dias de sol e proteção nos dias de chuva (MESOPOTAMIA, 2009).

Os três relevos mostram táticas de guerra e de sítio a uma cidade inimiga, cercada por altas muralhas com janelas e ameias em seu topo por onde os inimigos dos assírios se protegiam das flechas e lanças arremessadas.

Os carros de combates foram, certamente, um prenúncio do que seriam os modernos tanques de guerra. Feitos em madeira e recobertos com uma grossa camada de couro. No seu interior havia uma espécie de depósito com pipas de água que jorravam para fora do carro, em tubos para combater possíveis focos de incêndio, pois, uma prática muito comum era o arremesso de tochas e flechas incendiárias, conforme a imagem do relevo 2. As máquinas eram, presumivelmente, movidas pelos homens, pois um animal poderia entrar em pânico no momento da batalha. Nos relevos 2 e 4, os carros de guerra são representados jorrando água de seu interior (CURTIS e READE, 1995, p. 60).

Rampas íngremes, visíveis nos relevos 2 e 3, eram construídas pelos soldados para aproximá-los dos muros da cidade inimiga e possibilitar o acesso dos carros de guerra. Também formavam trincheiras para que os soldados se protegessem dos ataques de flechas e de pedras que também poderiam ser arremessadas.

Os arqueiros formavam uma categoria a parte. Eles eram oficiais e foram esculpidos sempre atrás dos carros de combate. Esta se caracterizava por uma estratégia de guerra: primeiramente os carros, seguidos de duplas de soldados na retaguarda. Percebe-se que estas duplas eram compostas de um escudeiro que fazia a proteção do oficial arqueiro. Havia várias formas de escudos, dentre eles, arredondados, curtos, retangulares, confeccionados

em metal, bronze, ferro, e alguns, ainda poderiam receber uma cobertura de vime em seu exterior. Havia também, escudos repletos de pontas que tinham uma dupla função, ou seja, de proteger o soldado assírio e de ferir o inimigo. Os escudos pontiagudos poderiam ser também, ornamentados com uma cabeça de leão na sua face dianteira como, por exemplo, no relevo 4 (MESOPOTAMIA, 2009).

Os arcos de flechas eram confeccionados a partir da combinação de diferentes materiais, sobretudo de uma madeira maleável, fácil de obter curvatura e de manuseá-la.

As armaduras protegiam o tórax e compunham o vestuário de um soldado assírio. O terno de armadura era confeccionado com pequenas placas de bronze e costurado com tiras de couro ou tendão. Este artefato servia de blindagem para alguns soldados contra as flechas, arco e pedras atiradas pelos inimigos.

As espadas que poderiam ser de ferro tinham longas bainhas decoradas. As adagas eram feitas de bronze ou ferro. Algumas poderiam ser decoradas apresentando motivos com embutidos (entalhados) de madeira, osso ou marfim.

As lanças também tinham um papel importante no armamento do exército assírio. Confeccionadas em madeira possuíam, em uma das duas extremidades, uma folha de bronze ou ferro em forma de triângulo. Elas poderiam, também, serem ornamentadas com borlas<sup>8</sup> anexadas na outra extremidade (MESOPOTAMIA, 2009).

Na imagem 4 é possível ver o uso de alavancas confeccionadas de bronze ou ferro com formato de pás que serviam para escavar túneis por baixo das muralhas e assim, possibilitar um acesso subterrâ-

<sup>8</sup> Borlas – Bola decorativa com franjas ou tufo redondo composto por fios no topo dos mastros.

neo a cidade sitiada. Também era possível, com esta prática, retirarem os tijolos dos muros e torná-los frágeis a ponto de ruir a estrutura ou parte dela.

Outra tática utilizada nos cercos as cidades era o uso das escadas que tinham como matéria prima o choupo<sup>9</sup>, uma espécie de árvore alta e reta. Todavia, não se descarta a utilização de outro tipo de madeira. Uma vez que as hordas de guerreiros tivessem alcançado os muros da cidade as escadas serviriam para introduzi-los no interior da fortaleza.

Os três relevos mostram ainda, a disposição dos soldados fora dos muros da cidade sitiada. Eles foram representados por todos os ângulos do relevo. Isto demonstra a tática de cercar e impedir a saída dos inimigos para fora das muralhas. As batalhas poderiam durar meses, visto que, se construíssem rampas para ultrapassar as muralhas. Tal prática necessitava de um grande projeto de arquitetura que poderia durar várias semanas para tomar forma. A mobilização de soldados, funcionários e obreiros nos arredores das cidades, para preparar o ataque e a invasão à cidade inimiga, também, servia para reforçar o estado de sítio dos adversários, uma vez que, por não poderem sair ou comercializar, com o passar do tempo, levaria a escasses de alimentos, algo previsível e que levaria à morte de centenas de pessoas vitimadas pela fome ou desnutrição.

## **Interpretação Iconológica**

Os gestos, motivos e expressões deixadas ao longo da criação artística dos artesãos reais não eram meras esculturas. Eles estão carregados de significados, de pensamentos e de ideais. Há um reconhecimento da supremacia militar assíria. Tal supremacia era endossada pela idéia da proteção divina nos combates. Exemplo disto é a presença

<sup>9</sup> Choupo – Árvore da família das Salicáceas.



de alguns símbolos religiosos como o detectado no relevo 4. Trata-se de uma pequena figura do deus Aššur<sup>10</sup>, acoplada ao carro de batalha. Tais imagens eram feitas de metal e levadas para as batalhas. Este ato significava que os deuses estavam do lado dos guerreiros assírios.

Outro item importante é a representação de hierarquia presente nas vestes dos soldados. Alguns soldados usam curtos saiotes na altura dos joelhos, enquanto que as túnicas longas eram peculiares dos oficiais ou dos altos funcionários assírios. Já o rei assírio Assurnasirpal, retratado no relevo 4, aparece vestindo uma longa túnica decorada com nítidos bordados. Estas eram, provavelmente, confeccionadas em lã ou linho colorido, amarradas na cintura com um largo cinto e representavam em sua beleza e riqueza de detalhes e cores, a magnificência da figura do rei, que é representado sempre em formato maior, destacando-se do restante dos personagens de uma determinada cena. Esta representação de dimensões maiores é perceptível e corresponde ao significado de Lugal<sup>11</sup> dado ao soberano. Esta grandeza está relacionada à importância do rei, e por isso, reconhecido, inclusive na arte assíria como um homem maior que todos os outros seres, ou seja, mais forte, corajoso e poderoso.

A imagem dos derrotados também é muito marcante. Eles geralmente são retratados em fileiras, segurando sacos nas costas que indicam o carregamento de pertences, como no relevo 2, por exemplo. Em algumas imagens eles foram retratados com as mãos na altura da cabeça, como no relevo 4, indicando a típica “mãos ao alto” dos submetidos à força das armas. Estas imagens indicam, ainda, o

sofrimento e a tristeza dos cativos pelas conseqüências da derrota, fosse pela perda de seus objetos ou da liberdade, quanto pelos castigos que poderiam receber (MESOPOTAMIA, 2009).

Os abutres que aparecem no relevo 4 significam a carnificina que, de uma forma ou de outra, sempre ocorreu nos confrontos militares. Ávidos por carne estes animais devoravam os soldados mortos ou os agonizantes estirados pelo território da batalha e certamente lavados em sangue.

Muitas figuras humanas foram esculpidas sem os membros, sobretudo as cabeças. Esta era uma forma peculiar e cruel dos assírios de contabilizar o número de inimigos mortos. A relevância de cenas como estas, de teor sanguinário, serem retratadas nos relevos, está relacionada às estratégias políticas e ideológicas de transmitir, aos possíveis adversários, a mensagem de que o exército assírio é capaz de abater seus inimigos. Tal procedimento funcionava como uma espécie de propaganda da “máquina de guerra” assíria. O ato de empalar também significava uma forma de intimidação aos prisioneiros sobreviventes.

No relevo 2, a noção de altitude da fortaleza é representada pelo plano inclinado da imagem. Já na imagem 3, a possível elevação das muralhas está caracterizada por uma linha ondulada na qual o carro de guerra é retratado em direção aos altos muros. Também houve uma preocupação com a profundidade na imagem das muralhas e que foram esculpidas num nível mais elevado do painel. Esta profundidade dá a idéia de perspectiva de altitude.

As expressões físicas das imagens falam por si só. Os soldados assírios aparecem fortes e robustos. A musculatura dos soldados é minuciosamente esculpida no dorso das pernas e braços, como no exemplo

<sup>10</sup>Aššur – Denominação de uma divindade suprema do panteão assírio, relacionada com a vegetação. O prefixo Aššur foi utilizado no nome de muitos reis da Assíria.

<sup>11</sup>Lugal – Na língua suméria LUGAL significa, literalmente, o homem grande, isto é, o rei.

nítido dos relevos 3 e 4. Os rostos são representados com semblantes sérios e compenetrados no momento da batalha ou enquanto conduzem os cativos deportados, como nos relevos 3 e 4. Os prisioneiros também eram retratados com feições de seriedade ou tristeza pela incerteza de seus destinos.

No relevo 4 esta perspectiva é muito forte na imagem de mulheres cativas com as mãos na cabeça e levando uma criança consigo, tendo sua cabeça afagada por uma das mulheres. Crianças eram retratadas apenas na presença de mulheres. Por sua vez, mulheres apareciam muito pouco em relevos assírios. Nas deportadas há traços mais delicados enquanto no soldado que as escoltam percebe-se o uso da barba, item muito comum na maioria dos homens e, também, muito evidente nos soldados, como nos relevos 3 e 4, com exceção dos eunucos.

A arte de esculpir relevos no império neo-assírio, ao mostrar os eventos relacionados com a guerra, retrata, entre outras coisas, a capacidade deste povo em mobilizar recursos econômicos e humanos, como o *ilku*, por exemplo, para as campanhas militares. A mobilização de tais recursos explicaria, parcialmente, como este império tornou-se um dos mais poderosos e belicosos da antiguidade (VILLARD, 1991, p. 42).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta aproximação as imagens se apresentam a reflexões sobre o potencial do imaginário coletivo. Os relevos, em sua maioria, situavam-se nas salas dos palácios, local de circulação restrita, freqüentadas somente pela corte, pelo rei, altos funcionários e embaixadores estrangeiros. A representação das batalhas, em uma demonstração

de poder hegemônico, era absorvida pelo imaginário daqueles que conviviam com o soberano e tinham a intenção de transmitir, para além das fronteiras geográficas do reino, o poderio bélico, com desenvolvimento técnico e tático de guerra, capaz de aprisionar, mutilar, sitiar e destruir todo aquele que subestimasse o exército imperialista assírio. Neste contexto é pertinente salientar a função política e ideológica dos relevos parietais como um instrumento propagandístico da força e, conseqüentemente, da destacada autoridade, autenticidade e respeito com a qual o “outro” deveria ver o império neo-assírio. A representação do “outro” poderia estar ligada tanto ao inimigo, estrangeiro ou autóctone, como aos funcionários de altos escalões dotados de grande poder e influência.

A capacidade de mobilizar recursos bélicos para a formação de uma potência armada estava ligada à extraordinária administração disseminada pelas províncias do império. As armas surgem no século IX a.C. Neste período os cavaleiros ainda combatiam em duplas, enquanto um guiava as rédeas dos cavalos, o outro manipulava o arco de flecha. O condutor do carro e a função de arqueiro eram posições de prestígio, ou seja, armas nobres por excelência, tanto que, o soberano, quando era representado em relevos de batalhas, aparecia sempre em alguma destas frentes.

## REFERÊNCIAS

- BACHELOT, L. Fonction politique des reliefs néo-assyriens. In: CHARPIN, D.; JOANNES, F. *Marchands, Diplomates et Empereurs*. Paris: Éditions Recherche sur les Civilisations, 1991. p.109-128.
- BRITISH MUSEUM-PALACE OF SENNACHERIB. Disponível em: <<http://www>>

britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\_objects/me/s/panel,\_palace\_of\_sennacherib-5.aspx>. Acesso em: 25 ago. 2008.

CURTIS, J.E.; READE, J.E. **Art and empire: treasures from Assyria in the British Museum**. New York: The Metropolitan Museum of Art, 1995.

MARCUS, M. Art and ideology in Ancient Western Asia. In: SASSON, J. M. (Ed.). **Civilizations of the Ancient Near East**. Peabody: Hendrickson Publishers, 2000. p.2487-2505.

MESOPOTAMIA-Warfare. Disponível em: <<http://www.mesopotamia.co.uk>>. Acesso em: 26 fev.2009.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

PARROT, A. **Assur**. Paris: Éditions Gallimard, 2007.

READE, J. **Assyrian sculpture**. London: The British Museum Press, 2006.

ROAF, M. **Atlas de la Mésopotamie**. Paris: Brepols, 1991.

ROAF, M. Palaces and Temples in Ancient Mesopotamia. In: SASSON, J. M. (Ed.). **Civilizations of the Ancient Near East**. Peabody: Hendrickson Publishers, 2000. p. 423-441.

ROUX, G. **Mesopotamia. historia política, económica y cultura**. Madrid: Ediciones Akal, 1987.

VILLARD, P. L'armée Néo-Assyrienne. **Les Dossiers D'Archéologie**, Paris, n.160, p.42-47, mai.1991.